

KUPFER, D. O “x” da Questão. *Valor Econômico*, Rio de Janeiro, 28/06/2006.

---

## O “x” da Questão

28/06/2006

Nas equações matemáticas, a letra "x" é tradicionalmente usada para designar uma incógnita. Nos modelos econométricos, a letra "x" é sempre utilizada para assinalar o valor das exportações. Já nas análises sobre a economia brasileira, a letra "x" bem que poderia ser usada para designar a incógnita das exportações. Afinal, por que o montante exportado pelo país não recuou se o comportamento das principais variáveis que o condiciona sugeria o contrário?

No plano agregado, as variáveis que normalmente se correlacionam com o nível das exportações são, com relação positiva, a taxa de câmbio, a evolução do PIB mundial (e dos parceiros comerciais) e os preços das commodities e, com relação negativa, o dinamismo do mercado interno (PIB ou massa salarial). Nos últimos 18 meses essas variáveis estão mudando em direções pouco favoráveis: a taxa de câmbio valorizou-se fortemente, o crescimento do PIB mundial começou a arrefecer, o ciclo de preços iniciou a reversão e a economia brasileira aumentou, embora suavemente, o seu ritmo de expansão, passando da casa dos 2% para os 3% anuais.

Recuando um pouco mais no tempo, a desvalorização do real ocorrida no início de 1999 havia trazido a expectativa de que as exportações brasileiras voltariam a crescer em ritmo acelerado. No entanto, tal fato somente veio a ocorrer mais de quatro anos depois. Para muitos especialistas, o fraco desempenho das exportações nos anos logo subsequentes à adoção do regime de câmbio flutuante era explicado pelos baixos preços das commodities agrícolas e minerais que então vigoravam no mercado internacional. Para outros, fatores menos conjunturais deveriam ser levados em conta, dentre eles as restrições comerciais praticadas por diversos países contra os produtos brasileiros. Para eles, a explosão das exportações ocorrida após 2002 correspondeu, coerentemente, à entrada de uma fase favorável dos preços no mercado internacional ou ao acerto da estratégia de negociação brasileira nos terrenos multilateral e regional, em particular na abertura de novos mercados na China, Índia e outras nações emergentes.

Embora as causas acima listadas sejam pertinentes, há ainda fatores eminentemente estruturais que devem ser incorporados à análise. Observada a posteriori, a dinâmica das exportações de um país em um setor pode ser decomposta em dois efeitos conjugados: o efeito competitividade, que explica a parcela da variação do fluxo de comércio devida a mudanças do market-share do país no total do comércio internacional do setor; e o efeito posicionamento (dinamismo), que explica a parcela da variação do fluxo de comércio devida a mudanças da participação relativa do setor no total do comércio internacional.

Os estudos não têm dificuldade em concluir que a principal lacuna da inserção externa do país relaciona-se ao efeito posicionamento. A excessiva dependência do efeito competitividade é, inclusive, uma das principais razões estruturais para que uma valorização excessiva da taxa de câmbio mais cedo ou mais tarde venha a comprometer o potencial exportador do país.

Os mesmos estudos mostram que um efeito posicionamento positivo está geralmente

associado a uma maior intensidade tecnológica dos produtos. Com o objetivo de analisar esse resultado, desenvolveu-se um indicador de intensidade tecnológica das exportações brasileiras. O indicador parte de uma adaptação, realizada no GIC-IE/UFRJ, da classificação divulgada pela UNCTAD para a intensidade tecnológica de produtos. Essa classificação baseia-se em uma escala de cinco posições, que vai de baixa a alta tecnologia, para cada uma das quais foi arbitrado um valor entre zero e 1 como parâmetro. O valor final do indicador é um número, também entre zero e 1, obtido pela soma dos valores exportados dos produtos ponderados pelos respectivos parâmetros. O resultado encontrado para o conjunto das exportações brasileiras entre 1989 e 2005 mostra a seguinte evolução: até 1994 o indicador permanece entre 0,39 e 0,41; cai para 0,37 em 1995; retorna ao nível original entre 1996 e 1999; sobe para 0,45 em 2000 e passa a oscilar entre 0,41 e 0,43 a partir de 2001.

Como a balança comercial brasileira é muito concentrada em termos da pauta de mercadorias comercializadas, não é difícil encontrar os produtos que explicam a subida do indicador após 1999. Dentre as "vacas leiteiras" da balança comercial, apenas dois produtos são novidades relevantes no mix exportado pelo país: terminais de telefonia celular, de média-alta tecnologia, e petróleo e derivados, de média tecnologia. No caso de aparelhos de telefonia celular, as exportações iniciaram-se em 1999 com US\$ 270 milhões, chegaram a US\$ 1 bilhão no ano seguinte e evoluíram até alcançar US\$ 2,5 bilhões em 2005. No caso de petróleo e derivados, os números são ainda mais impressionantes: de cerca de US\$ 400 milhões em 1999 para US\$ 2 bilhões em 2001 até US\$ 7 bilhões em 2005. Cabe observar que ambos produtos se encaixam no caso dos que tiveram o aumento das exportações propellido pelo efeito posicionamento. Os demais produtos de média-alta ou alta tecnologia cujas exportações apresentaram desempenho favorável no período, como aviões, automóveis e motores, parecem configurar resultados do efeito competitividade.

O fato é que nos últimos 25 anos, as exportações brasileiras seguiram uma tendência monótona de crescimento que, em sua essência, mostrou-se independente dos solavancos experimentados pela economia brasileira ou mundial. Esse resultado sugere que as nossas exportações são movidas por forças além da ação mecânica das variáveis macroeconômicas listadas na abertura desse texto. Por essa razão, é importante, primeiro, avançar no diagnóstico da inserção internacional do país, mapeando situações estrategicamente distintas em termos de competitividade ou posicionamento dos diversos produtos presentes e ausentes da nossa pauta e, segundo, identificar dentre esses últimos os setores-chave para o incremento das exportações brasileiras, que devam concentrar o foco da política industrial, tecnológica e de comércio exterior nacional. Sem isso, nosso desempenho exportador permanecerá uma incógnita - o "x" da questão.

P.S.: Os leitores me permitam, mas não posso deixar de comentar que esse Brasil 3 x 0 Gana mostrou que desempenho píffio, muito aquém do possível, em nome de uma pretensa segurança, não é exclusividade da nossa política macroeconômica.

David Kupfer é professor do Instituto de Economia da UFRJ e coordenador do Grupo de Indústria e Competitividade (GIC-IE/UFRJ – [www.ie.ufrj.br/gic](http://www.ie.ufrj.br/gic) - [gic@ie.ufrj.br](mailto:gic@ie.ufrj.br))